

SÃO PAULO EM POESIA

Gerald Denley

Um mormaço quente cobre a cidade.
Índios carijós vendem miudezas no Viaduto do Chá.
Um comboio de velhas carroças puxadas a cavalo
-são umas quinze-
atravessa o viaduto com grande estrépito.
Na frente, um homem a cavalo, de chapéu enorme,
potes e panelas pendem em balanço das carroças cobertas.
E cantam, homens, mulheres e crianças:
“Nós vamos prá Brasília,
nós vamos fazer fortuna, Brasil, obá!”

Bate um sino.
Hoje as crianças não têm aula;
em tributo a Villa Lobos, compositor brasileiro,
no dia do seu funeral.
Toca o sino, São Paulo está de luto.

Dizem que chegou um trem de Santos
com duzentos imigrantes japoneses
a caminho de Pinheiros.

Num café vienense da Avenida São João,
homens de negócios conversam em torno da mesa.
Um deles usa monóculo. A conversa, em alemão;
e quando eles falam, mais parece a leitura
de uma sentença de morte.
A comida é boa, mas não brasileira.

Ah! São Paulo! Tão grande e tão barulhenta!
Você vive na era do pioneiro
e do operário industrial.

Suas igrejas não têm teto porque você
não quer pagar o imposto.
Em seus parques e jardins senhoras idosas sentam-se à sombra das árvores tropicais
e relembram os dias da juventude,
enquanto papagaios desaparecem entre ramos.

Hoje é feriado, graças a Vila Lobos.
Um bonde superlotado acaba de explodir na Rua Augusta.
São Paulo é assim!
Logo vai escurecer.
Tenho que voltar prá casa e fechar as venezianas por causa dos mosquitos.
Viver aqui em São Paulo é entrar num hospício,
mas eu penso nos viajantes intrépidos a caminho de Brasília.
Eu tenho uma casa para onde ir;
eles vão para uma cidade que ainda não foi construída
e as carroças serão seu único teto durante muitos meses.

Lembrança do Brasil

Depois de quarenta anos
Lembro-me da brancura de São Paulo;
e lembro-me dos seus cheiros e da sua enormidade:
seus arranha-céus, seus tea-rooms onde se pode
tomar chá às cinco.
Lembro-me dos bondes cheios de gente
que morava no Jardim Paulistano;
gente com dinheiro, gente pobre,
e gente bêbada, gente tola e gente desgraçada.
Lembro-me da Rua Augusta e das moças rodeadas de todos os aromas de São Paulo e de
Paris.
Todos bons brasileiros.

Lembro-me das festas juninas,
as fogueiras, as canções e risos.
Lembro-me das crianças cantando:
“Capelinha de Melão
é de São João
É de cravo é de rosa
é de manjericão”.

Lembro-me dos balões subindo
vagando no céu estrelado.
Com estas boas recordações depois de tanto tempo
choro um pouco.

Como são poucos os nossos momentos de alegria,
e como são longos os momentos de tédio e tristeza.

Réquiem para Núria

A mata, as colinas, as árvores altas
entre Taipas e Pirituba,
semi-ocultas pela névoa da manhã,
estão imóveis; e não fosse o rolar de uma só carroça,
envoltas em seu silêncio frágil,
suspensas neste amanhecer.

(...)

Na névoa do começo da manhã,
junto ao Pico do Jaraguá,
você nos deixou e pela janela aberta
uma música celestial, estranha,
parece inundar seu pequeno aposento.
E o perfume de muitas flores silvestres
viaja na brisa da manhã.

Gerald Denley, 1959